



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES-CCHLA
SUPERINTENDÊNCIA DE EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA-SEAD/UFPB
CURSO DE PÓS-GRADUAÇÃO *LATO SENSU* EM CIÊNCIAS DA LINGUAGEM
COM ÊNFASE NO ENSINO DE LÍNGUA PORTUGUESA-CLELP

Maysa Andrelly Pereira Silva Carvalho

**Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no livro didático de
Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental**

João Pessoa/Alagoa Grande-PB

2026

Maysa Andreelly Pereira Silva Carvalho

**Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no livro didático de
Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental**

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa, na modalidade EAD, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito de avaliação para obtenção do título de Especialista.

Linha de Pesquisa: Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa

Orientadora: Prof^a Mestra Alesandra Martins Dias de Paula

João Pessoa/ Alagoa Grande-PB

2026

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

C331o Carvalho, Maysa Andreelly Pereira Silva.

Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no livro didático de língua portuguesa do 6º ano do ensino fundamental / Maysa Andreelly Pereira Silva Carvalho. - João Pessoa, 2026.
19 f.

Orientadora: Alesandra Martins Dias de Paula.
TCC (Especialização) - Universidade Federal da Paraíba/Centro de Ciências Humanas Letras e Artes, 2026.

1. Variação linguística. 2. Livro didático. 3. Pronomes pessoais. I. Paula, Alesandra Martins Dias de. II. Título.

UFPB/CCHLA

CDU 801

Maysa Andrelly Pereira Silva Carvalho

**Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no livro didático de
Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental**

Artigo científico apresentado ao Curso de Pós-Graduação *Lato Sensu* em Ciências da Linguagem com Ênfase no Ensino de Língua Portuguesa, na modalidade EAD, vinculado ao Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes da Universidade Federal da Paraíba, como requisito de avaliação para obtenção do título de Especialista.

Aprovado em: 14/04/2026

BANCA EXAMINADORA

Profa. Mestra Alesandra Martins Dias de Paula
UFPB

Profa. Dra. Suzana Ferreira Paulino Domingos
UFPB

Prof. Dr. Antônio Carlos Rocha Botelho (IFG)
Instituição

Um olhar sociolinguístico sobre a variação nós/a gente no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental

RESUMO

Considerando o uso recorrente das formas pronominais “nós” e “a gente” no português brasileiro contemporâneo, este estudo propõe uma reflexão sobre o tratamento dessa variação nos livros didáticos de Língua Portuguesa do Ensino Fundamental II. O objetivo geral da pesquisa consiste em analisar a ocorrência e a abordagem dos pronomes pessoais “nós” e “a gente” em livro didático de português destinado ao 6º do ensino fundamental. A fundamentação teórica apoia-se nos pressupostos da Sociolinguística, a partir das contribuições de autores como Bagno (2014), Mollica (2014) e Martelotta (2011), que compreendem a língua como um fenômeno heterogêneo e socialmente situado. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa de natureza descritiva e bibliográfica, com abordagem qualitativa, conforme Minayo (2008), tendo como corpus um livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano, da editora FTD (2022). A análise dos dados evidencia que a variação entre “nós” e “a gente” ainda se apresenta de forma incipiente no material didático, sobretudo no quadro dos pronomes pessoais. Contudo, identifica-se a presença da forma “a gente” em reflexões pontuais sobre seus contextos de uso, o que sinaliza avanços tímidos no reconhecimento da variação linguística. Os resultados indicam a necessidade de uma abordagem mais sistemática e reflexiva da variação no ensino de Língua Portuguesa, de modo a aproximar o conteúdo escolar dos usos reais da língua.

Palavras-chave: Variação Linguística, Livro Didático, Pronomes pessoais “nós e a gente”.

A sociolinguistic look at the variation between *nós/a gente* in the 6th grade Portuguese Language textbook.

ABSTRACT

Considering the recurrent use of the pronouns "*nós*" and "*a gente*" in contemporary Brazilian Portuguese, this study aims to reflect on how this linguistic variation is addressed in Portuguese language textbooks used in lower secondary education. The overall objective of this research is to analyze the occurrence and approach of the personal pronouns "nós" (we) and "a gente" (we/us) in a Portuguese textbook intended for the 6th grade of elementary school. The theoretical framework is grounded in Sociolinguistics, drawing on the contributions of authors such as Bagno (2014), Mollica (2014), and Martelotta (2011), who conceive language as a heterogeneous phenomenon shaped by social interaction. Methodologically, this research adopts a descriptive and bibliographic approach, with a qualitative perspective, following Minayo (2008). The corpus consists of a 6th-grade Portuguese language textbook published by Editora FTD (2022). The analysis reveals that the variation between "*nós*" and "*a gente*" is still addressed in a limited manner in the textbook, especially within the presentation of personal pronouns. However, the presence of "*a gente*" in specific reflections on language use indicates modest advances in the recognition of linguistic variation. The findings point to the need for a more systematic and reflective approach to linguistic variation in Portuguese language teaching, in order to bridge the gap between school content and actual language use.

Keywords: Linguistic Variation, Textbook, Personal Pronouns "nós" and "a gente".

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	6
2. MARCO TEÓRICO	7
2.1. A sociolinguística e seu olhar sobre língua	7
2.2. Ensino e Variação.....	9
2.3. Nós/a gente	10
3. METODOLOGIA	12
3.1. Tipo de pesquisa	12
3.2. Técnicas de pesquisa	13
4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS.....	14
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	16
REFERÊNCIAS.....	17

1. INTRODUÇÃO

Proveniente do latim vulgar, a Língua Portuguesa passou por significativas transformações desde o período de sua consolidação até os dias atuais. Ao longo desse processo histórico, a língua incorporou mudanças decorrentes de usos sociais diversos, resultando no português contemporâneo, marcado por permanências, ressignificações e inovações linguísticas.

Considerando a ampla extensão territorial brasileira, observa-se que a variação linguística se manifesta de forma expressiva nas diferentes regiões do país. Nesse contexto, verifica-se o uso recorrente da variante “a gente” em alternância com o pronome “nós”, fenômeno que incide diretamente sobre o sistema pronominal do português brasileiro e contribui para sua reorganização funcional.

Além disso, discutir a presença da variação linguística no livro didático mostra-se relevante, pois esse material ainda ocupa lugar central no planejamento pedagógico do professor de Língua Portuguesa (BAGNO, 2014; MARCUSCHI, 2020). Desse ponto de vista, analisar como a alternância entre “nós” e “a gente” é apresentada permite problematizar os limites e as possibilidades do ensino da língua a partir de uma perspectiva sociolinguística.

Desse modo, este estudo justifica-se pela necessidade de compreender se o livro didático contempla os usos reais da língua e se favorece uma abordagem que reconheça a heterogeneidade linguística como constitutiva do português brasileiro, aspecto fundamental para a formação de alunos críticos e linguisticamente conscientes (MOLLICA, 2015; BRASIL, 2018).

Partindo desse pressuposto e considerando que esse fenômeno sociolinguístico se evidencia cada vez mais tanto na oralidade quanto na escrita, configurando mudanças relevantes na Língua Portuguesa, delineou-se a necessidade de desenvolver a presente pesquisa.

As discussões acerca da variação linguística fundamentam-se, principalmente, em Bagno (2014), Mollica (2014), Alkimin (2001), Martelotta (2011) e Marcuschi (2020). Os demais aportes teóricos apoiam-se em Bechara (2015), Azeredo (2014), Lopes (2013) e Farias (1982), autores que contribuem para a compreensão do funcionamento do sistema pronominal e de suas transformações no português brasileiro.

Além da introdução, o trabalho organiza-se em quatro seções. Na segunda, intitulada “Marco teórico”, discutem-se os pressupostos da variação linguística e suas implicações para o ensino, bem como a contextualização do fenômeno “nós/a gente”. A terceira seção descreve a metodologia adotada na pesquisa. Na quarta, apresenta-se a análise do fenômeno “nós/a gente” no livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano da editora FTD (2022). Por fim, na conclusão, são apresentadas as considerações finais acerca dos resultados obtidos.

2. MARCO TEÓRICO

Nesta seção, apresentam-se os principais pressupostos teóricos que fundamentam a análise proposta, com base na Sociolinguística Variacionista. O objetivo é discutir a língua como fenômeno social, heterogêneo e dinâmico, bem como refletir sobre as implicações da variação linguística para o ensino de Língua Portuguesa e para a compreensão do fenômeno “nós/a gente”. As reflexões desenvolvidas apoiam-se, sobretudo, nas contribuições de Bagno (2014), Mollica (2015), Alkimi (2001), Martelotta (2011) e Marcuschi (2020).

2.1. A sociolinguística e seu olhar sobre língua

Antes de tratar especificamente da Sociolinguística, faz-se necessário retomar aspectos relacionados à constituição da linguagem humana, especialmente no que se refere à comunicação oral, que se configura historicamente como a principal forma de interação entre os indivíduos em sociedade.

Em cada contexto histórico, é possível identificar comunidades caracterizadas por costumes, práticas culturais e modos de falar próprios, os quais refletem necessidades comunicativas específicas. Nessa perspectiva, Bagno (2014) destaca que a faculdade da linguagem emerge da necessidade humana de interação, aprendizagem e compartilhamento de experiências no interior dos grupos sociais.

A partir dessa compreensão, observa-se que a língua, emerge da interação entre os indivíduos e do vínculo estabelecido com o meio social em que estão inseridos, de modo que língua e sociedade constituem dimensões indissociáveis (ALKMIN, 2001, p. 26). Essa indissociabilidade evidencia o caráter social da língua e fundamenta os estudos que a compreendem como um fenômeno historicamente situado e socialmente condicionado.

É nesse cenário que se insere a Sociolinguística, definida por Mollica (2015) como uma subárea da Linguística que investiga a língua em uso nas comunidades de fala, correlacionando aspectos linguísticos e sociais. Assim, a língua passa a ser compreendida como um sistema heterogêneo, marcado pela variabilidade decorrente das práticas reais de uso.

Essa concepção é corroborada por Martelotta (2011), ao afirmar que a língua, enquanto instituição social, não pode ser analisada como uma estrutura autônoma. Torna-se, portanto, imprescindível considerá-la em funcionamento, no cotidiano das interações sociais.

Nesse contexto, destaca-se a Sociolinguística Variacionista, também denominada Teoria da Variação, desenvolvida por William Labov, a qual fundamenta os estudos contemporâneos sobre variação e mudança linguística. Tal abordagem busca demonstrar que, por trás da aparente instabilidade da língua em uso, há regularidades e padrões sistemáticos que explicam os processos de variação e mudança linguística (MARTELOTTA, 2011). E é o que podemos observar no uso do nosso *corpus* no cotidiano.

Dessa forma, sobre a variação linguística, Mollica (2015) enfatiza que:

[...] Ela parte do pressuposto de que as alternâncias de uso são influenciadas por fatores estruturais e sociais. Tais fatores são também referidos com variáveis independentes, no sentido que os usos de estruturas linguísticas são motivados e as alternâncias configuram-se por isso sistemáticas e estatisticamente previsíveis. (Mollica, 2015 p. 10)

Essas alternâncias correspondem ao uso de formas linguísticas semanticamente equivalentes, configurando o fenômeno da variação linguística. Tais formas concorrentes são denominadas variantes, conceito que, conforme Martelotta (2011, p. 142), refere-se a “uma forma que é usada ao lado de outra na língua sem que se verifique mudança no significado básico”.

A partir dessas contribuições, compreende-se que a Sociolinguística rompe com a visão homogênea de língua, tradicionalmente difundida pelo ensino normativo, ao reconhecer que a variação não representa desvio ou erro, mas sim uma característica inerente ao funcionamento linguístico (BAGNO, 2014; MOLLICA, 2015). Essa perspectiva é fundamental para análises que se propõem a investigar fenômenos recorrentes no uso cotidiano da língua.

Assim, o estudo da variação linguística possibilita compreender como determinadas formas ganham espaço no uso social, enquanto outras se restringem a

contextos mais formais, evidenciando processos de mudança linguística em curso (MARTELOTTA, 2011).

2.2. Ensino e Variação

Historicamente, o ensino de Língua Portuguesa tem sido orientado por uma forte tradição normativa, que privilegia a variante padrão em detrimento das demais variedades linguísticas. Nesse contexto, observa-se que o trabalho com a variação linguística ainda ocorre de forma limitada, muitas vezes restrito a abordagens pontuais nos livros didáticos.

Essa prática contribui para a manutenção de uma concepção homogênea de língua, desconsiderando a diversidade linguística presente na sociedade. Como consequência, o ensino que ignora a variação tende a reforçar práticas excludentes, favorecendo a perpetuação do preconceito linguístico (BORTONI-RICARDO, 2005).

Contudo, conforme ressalta Bortoni-Ricardo (2005), a escola não pode se furtar à responsabilidade de reconhecer e problematizar as diferenças sociolinguísticas existentes. Para a autora:

A escola não pode ignorar as diferenças sociolinguísticas. Os professores e, por meio deles, os alunos têm que estar bem conscientes de que existem duas ou mais maneiras de dizer a mesma coisa. E mais, que essas formas alternativas sevem a propósitos comunicativos distintos e são recebidas de maneira diferenciada pela sociedade. Algumas conferem prestígio ao falante, aumentando-lhe a credibilidade e o poder de persuasão; outras contribuem para formar-lhe uma imagem negativa, diminuindo-lhe as oportunidades. (BORTONI-RICARDO, 2005, p. 15)

Em contraposição a essa perspectiva, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) orienta que o ensino de Língua Portuguesa contemple a análise crítica das diferentes variedades linguísticas, promovendo a comparação contextualizada entre formas de dizer e os valores sociais a elas atribuídos (BRASIL, 2018).

Nessa direção, cabe ao professor de Língua Portuguesa apresentar a língua como um fenômeno vivo e dinâmico favorecendo a reflexão sobre os usos linguísticos reais e suas implicações sociais. Tal postura contribui para que os estudantes compreendam a norma-padrão não como única forma legítima de expressão, mas como uma das possibilidades de uso da língua.

A BNCC, nesse sentido, estabelece habilidades específicas relacionadas à variação linguística, tais como:

Varição linguística • Conhecer algumas das variedades linguísticas do português do Brasil e suas diferenças fonológicas, prosódicas, lexicais e sintáticas, avaliando seus efeitos semânticos.
 • Discutir, no fenômeno da variação linguística, variedades prestigiadas e estigmatizadas e o preconceito linguístico que as cerca, questionando suas bases de maneira crítica. (BRASIL, 2018 p. 83)

Sob essa perspectiva, a BNCC enfatiza que a variação linguística deve ser abordada de forma respeitosa, sem abertura para práticas de preconceito linguístico, uma vez que tal variação constitui uma característica inerente ao uso da língua por diferentes grupos regionais e culturais.

Assim, trabalhar a variação linguística em sala de aula não implica abandonar o ensino da norma-padrão, mas ampliar a competência comunicativa dos alunos, possibilitando escolhas linguísticas adequadas às diferentes situações de interação e fortalecendo a cidadania linguística (BAGNO, 2014; BRASIL, 2018).

2.3. Nós/a gente

Originária do latim vulgar, a língua portuguesa, tal como é conhecida e utilizada na contemporaneidade, passou por sucessivos processos de transformação desde o período de sua consolidação histórica. Entre os diversos momentos de disputas políticas e territoriais que marcaram sua formação, destaca-se o movimento da Reconquista, o qual, além de promover a expansão territorial, produziu impactos significativos no plano linguístico, contribuindo para a constituição e a difusão do português.

Nesse sentido, Ilari (2017, p. 14) ressalta que as línguas são “entidades dinâmicas” e que “estão sempre mudando”. O latim falado, portanto, não apenas se diversificou, como também passou por um processo acelerado de evolução, possibilitando o surgimento de novas línguas românicas, entre elas o português.

Em decorrência dessa dinamicidade, observa-se que o português sofreu transformações em diferentes níveis da língua, tais como os aspectos fonéticos, sintáticos, semânticos e morfológicos. No entanto, no que se refere especificamente ao plano morfológico, especialmente no âmbito das classes de palavras, percebe-se que o sistema pronominal apresentou maior estabilidade ao longo do tempo. Conforme aponta Coutinho (1974, p. 253), “de todas as classes de palavras são os pronomes pessoais que mais fielmente guardam os vestígios da declinação latina”, mantendo-se as categorias de primeira, segunda e terceira pessoas.

No campo da morfologia, o presente estudo concentra-se nas classes de palavras denominadas pronomes. Conforme aponta Bechara (2015), os pronomes constituem uma classe de palavras que se define a partir de relações contextuais e discursivas. No interior desse sistema, destaca-se o uso da forma “a gente”, originada de uma expressão nominal que, ao longo do tempo, passou por um processo de gramaticalização.

A partir dessa definição, os pronomes podem ser classificados em pessoais, possessivos, demonstrativos, indefinidos, interrogativos e relativos. Nesta pesquisa, contudo, o recorte limita-se aos pronomes pessoais, entendidos como aqueles que indicam as três pessoas do discurso — quem fala, com quem se fala e de quem se fala — tanto no singular quanto no plural.

No interior desse sistema pronominal, destaca-se o uso da forma “a gente”, a qual se originou de uma expressão nominal composta pelo substantivo gente. Esse termo é proveniente do latim (*gentis*) e designa um “conjunto de pessoas que pelos varões se ligam a um antepassado comum (...)”. Daí, por extensão: 2) Família, descendência, raça. 3) Povo, nação...” (FARIAS, 1982, p. 426). Ao longo do tempo, essa expressão passou por um processo de gramaticalização, assumindo funções pronominais no português brasileiro.

Na prática cotidiana, o falante emprega a forma “a gente” para se referir à primeira pessoa do plural “nós” e utiliza “você” como representante da segunda pessoa do singular “tu”. Sobre essa ampliação funcional dessas formas pronominais, Lopes (2013) afirma que:

[...] as novas formas *você* e *a gente* adquirem ainda valor indeterminado. Além da referência definida, o uso de *você* e de *tu* se expandiu para os contextos de referência indeterminada e já aparece em construções existenciais, como em “*Você* tem uma loja lá na tua que só vive em liquidação” com o sentido de “*Existir/Há* uma loja lá na rua que só vive em liquidação”. No plural, pode-se dizer que *vocês* acabou por substituir o pronome *vós*. O pronome *a gente* apresenta também um caráter indeterminado em oposição a uma nuance mais específica de *nós*. O falante se descompromete com o discurso, tornando-o mais vago e genérico, pois tal forma pode englobar as demais pessoas (*eu* + *você(s)* + *ele(s)* + *todo mundo ou qualquer um*). (LOPES, 2013 p. 104).

Com base nas reflexões de Lopes (2013), evidencia-se que a forma “a gente” vem se sobrepondo progressivamente à forma padrão “nós”, uma vez que apresenta maior abrangência discursiva ao incluir, de modo mais flexível, as diferentes pessoas do discurso. Esse comportamento linguístico reforça o caráter dinâmico da língua e

ilustra processos de variação e mudança que se manifestam de forma sistemática no português brasileiro contemporâneo.

O processo de gramaticalização da expressão “a gente” evidencia a capacidade de adaptação da língua às necessidades comunicativas dos falantes, refletindo transformações decorrentes do uso social da língua (LOPES, 2013; ILARI; BASSO, 2017). Na prática cotidiana, a forma “a gente” é empregada como referência à primeira pessoa do plural, coexistindo com o pronome “nós”. Essa alternância revela não apenas uma variação formal, mas também diferenças discursivas e pragmáticas associadas aos contextos de uso.

Assim, a alternância entre “nós” e “a gente” configura-se como um exemplo significativo de variação linguística no português brasileiro contemporâneo. Sua compreensão mostra-se relevante tanto para os estudos linguísticos quanto para o ensino de Língua Portuguesa, especialmente no que diz respeito à articulação entre norma, uso e contexto comunicativo (MOLLICA, 2015; LOPES, 2013).

3. METODOLOGIA

Nesta seção, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados na pesquisa, explicitando o tipo de abordagem, o corpus analisado e as técnicas utilizadas, de modo a garantir clareza e rigor científico ao percurso investigativo. A definição do percurso metodológico mostra-se fundamental para assegurar a coerência entre os objetivos propostos e a análise desenvolvida ao longo do estudo.

3.1. Tipo de pesquisa

A pesquisa caracteriza-se como qualitativa, pois privilegia a interpretação dos dados em seu contexto natural, buscando compreender os sentidos e as implicações do fenômeno linguístico investigado. Essa abordagem possibilita analisar não apenas a presença ou ausência das formas pronominais “nós” e “a gente”, mas, sobretudo, o modo como essas formas são apresentadas, explicadas e problematizadas no livro didático.

Segundo Minayo (2008), o método qualitativo mostra-se adequado para estudos que envolvem interpretações, representações, percepções e relações sociais, uma vez que considera os significados atribuídos pelos sujeitos às práticas sociais.

Nesse sentido, a abordagem qualitativa contribui para uma análise mais aprofundada do objeto de estudo, respeitando sua complexidade e inserção histórica e social.

Ao considerar que os usos linguísticos são construídos socialmente e refletem práticas comunicativas situadas, a pesquisa qualitativa permite compreender como o fenômeno da variação linguística é tratado no material didático, evidenciando concepções de língua e de ensino subjacentes a essa abordagem (PAIVA, 2019).

Trata-se, ainda, de uma pesquisa de caráter descritivo-analítico. Descritiva, porque se propõe a identificar e descrever a ocorrência dos pronomes “nós” e “a gente” no livro didático analisado; analítica, porque busca interpretar criticamente o tratamento dado a essa alternância pronominal, à luz dos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (BAGNO, 2014; MOLLICA, 2015).

O material analisado corresponde ao livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, da coleção Conquista, da Editora FTD (2022), destinado à utilização no quadriênio de 2024 a 2027, no âmbito das escolas públicas brasileiras.

3.2. Técnicas de pesquisa

Como técnica de pesquisa, adotou-se a análise documental, centrada no exame do livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano da coleção Conquista, da Editora FTD. A análise documental consiste em um procedimento metodológico que permite examinar materiais produzidos socialmente, buscando compreender os sentidos, as concepções e os discursos que os atravessam (PAIVA, 2019).

A escolha do livro didático justifica-se por sua ampla circulação no contexto escolar e por sua relevância no processo de ensino-aprendizagem, uma vez que esse material ainda ocupa lugar central na organização das práticas pedagógicas de Língua Portuguesa (MARCUSCHI, 2020).

A análise contemplou os textos destinados aos alunos, as atividades propostas, os quadros explicativos e as orientações presentes no manual do professor. Buscou-se observar de que forma a variação linguística é apresentada, se há coerência entre as orientações pedagógicas e o tratamento efetivo do conteúdo, bem como se o material favorece reflexões sobre os usos reais da língua, especialmente no que se refere ao emprego da forma “a gente”.

4. ANÁLISE DOS DADOS E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, apresentam-se os resultados da análise do livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano da coleção *Conquista*, da Editora FTD, com foco no tratamento dado à alternância entre os pronomes “nós” e “a gente”. A discussão dos dados articula-se aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista e às reflexões sobre o ensino da língua.

Na página 60 do material analisado, observa-se a apresentação de um quadro explicativo referente às três pessoas do discurso. Contudo, essa explicação limita-se ao modelo tradicional da gramática normativa, contemplando apenas as formas pronominais consagradas, sem qualquer menção à forma “a gente”, amplamente utilizada no português brasileiro contemporâneo.

A ausência sistemática da forma “a gente” nos quadros explicativos reforça uma concepção normativa de língua, que privilegia modelos tradicionais e homogêneos, distanciando-se dos usos recorrentes presentes na fala dos estudantes. Conforme aponta Marcuschi (2020), muitos livros didáticos ainda operam com uma noção de língua descolada da realidade social e dos usuários que a constroem no cotidiano.

Essa perspectiva pode dificultar o reconhecimento, por parte do aluno, de sua própria variedade linguística no espaço escolar, contribuindo para o silenciamento de formas legítimas de uso da língua. Tal aspecto reforça o caráter prescritivo do ensino gramatical, em detrimento de uma abordagem reflexiva e contextualizada.

Na página 114, o livro apresenta novamente um quadro dos pronomes pessoais, mantendo a organização tradicional das pessoas do discurso e reiterando a centralidade do pronome “nós” como única forma de referência à primeira pessoa do plural. Mais uma vez, não se observa a inclusão da forma “a gente” como possibilidade linguística, apesar de sua ampla circulação nos usos cotidianos.

Já na página 122, o livro apresenta um fragmento do cordel *Dois quadros*, de Patativa do Assaré. Nesse texto, é possível identificar o uso da forma “a gente”, inserida de maneira natural no discurso poético. No entanto, a atividade proposta ao aluno limita-se à leitura, reflexão e interpretação do texto, sem direcionamento específico para a análise do pronome enquanto fenômeno linguístico variável. O uso de “a gente” não é isolado nem problematizado, permanecendo apenas como um elemento do texto literário, sem exploração gramatical ou sociolinguística.

Na página 157, observa-se uma diferenciação no tratamento do tema, especialmente no livro do professor. Nessa seção, o material destaca que “a gente” é marcado pela terceira pessoa do singular, exigindo concordância verbal correspondente, ao passo que “nós” demanda flexão na primeira pessoa do plural. Apesar dessa explicitação, essa abordagem não aparece de forma equivalente no livro do aluno, o que limita o acesso discente à reflexão proposta. Como podemos constatar com a crítica apresentada por Marcuschi (2020):

Observando os LDP [...] constata-se que eles, de uma maneira geral, tomam a língua como um simples *instrumento de comunicação* não problemático capaz de funcionar com transparência e homogeneidade. A dar crédito aos livros didáticos, a língua é clara, uniforme, desvinculada dos usuários, descolada da realidade, semanticamente autônoma e a-histórica. [...] (MARCUSCHI, 2020, p. 28e 29).

Finalmente, na página 160, o livro apresenta o subtítulo “Pronomes pessoais e seus usos”, no qual se observa uma abordagem mais próxima do uso real da língua. Nesse trecho, o material reconhece que o uso da expressão “a gente” em lugar do pronome nós, muito comum no registro informal de linguagem, está sendo incorporado ao registro formal e algumas gramáticas já consideram essa forma parte da língua. Essa abordagem aproxima-se das reflexões de Azeredo (2014), que destaca o uso recorrente dessa forma no português brasileiro, que destaca:

Obs. 3: Os brasileiros empregam em geral a forma *a gente*, especialmente na língua falada semiformal e informal, como equivalente de *nós*, seja com um valor genérico/indeterminado (como o do pronome se: *não se sabe / a gente não sabe*), seja para referência dêitica [...] situacionalmente identificada (AZEREDO, 2014, p. 176).

Dessa forma, a observação de Azeredo evidencia que o uso de “a gente” não é aleatório ou incorreto, mas resulta de um processo de variação linguística consolidado no português brasileiro. Essa forma revela aspectos importantes da dinâmica da língua em uso, especialmente no que diz respeito às relações entre norma, uso efetivo e contexto comunicativo. A nota explicativa apresentada no material reforça essa perspectiva ao reconhecer o emprego frequente dessa forma no cotidiano dos falantes.

Apesar do avanço pontual, a abordagem ainda se mostra limitada do ponto de vista pedagógico, pois não promove uma problematização mais ampla sobre a variação linguística. Assim, os dados analisados indicam que o livro didático, embora apresente sinais de reconhecimento da mudança linguística, permanece fortemente

ancorado em uma perspectiva normativa, pouco alinhada aos pressupostos da Sociolinguística Variacionista (AZEREDO, 2014; MARCUSCHI, 2020).

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo teve como objetivo analisar o tratamento dado à alternância entre os pronomes “nós” e “a gente” em um livro didático de Língua Portuguesa do 6º ano do Ensino Fundamental, tomando como referência os pressupostos da Sociolinguística Variacionista. A investigação buscou compreender de que maneira a variação linguística é apresentada no material didático e quais concepções de língua e de ensino sustentam essa abordagem.

A partir da análise realizada, foi possível constatar que o livro didático ainda se ancora, predominantemente, em uma perspectiva normativa de ensino da língua. Nesse sentido, o pronome “nós” ocupa posição central nas explicações gramaticais, sendo apresentado como forma preferencial para a expressão da primeira pessoa do plural.

Em contrapartida, a forma “a gente”, amplamente utilizada no cotidiano dos falantes do português brasileiro, aparece de maneira pontual e pouco explorada ao longo do material. Quando mencionada, sua presença não é acompanhada de reflexões que possibilitem ao aluno compreender os contextos de uso, os valores sociais associados ou sua legitimidade como forma linguística recorrente.

Observou-se que, embora o livro didático apresente algumas iniciativas no sentido de aproximar o ensino gramatical dos usos reais da língua, essas propostas ocorrem de modo limitado. A ausência de atividades sistemáticas que problematizem a variação linguística restringe o desenvolvimento de uma visão mais ampla e crítica sobre o funcionamento da língua.

Esse tipo de abordagem pode contribuir para a construção de uma concepção homogênea de língua, na qual determinadas variedades são valorizadas em detrimento de outras. Tal postura tende a desconsiderar a diversidade linguística presente no contexto escolar e pode favorecer a reprodução de preconceitos linguísticos, especialmente em relação às formas utilizadas pelos próprios estudantes.

Diante desse cenário, torna-se fundamental que os livros didáticos de Língua Portuguesa incorporem propostas que reconheçam a língua como um fenômeno dinâmico, heterogêneo e socialmente situado. Trabalhar a variação linguística de

forma consciente e reflexiva contribui para ampliar a competência comunicativa dos alunos e para promover uma educação linguística mais inclusiva.

Cabe destacar, ainda, o papel do professor como mediador desse processo. Mesmo diante das limitações do material didático, a atuação docente pode favorecer abordagens que valorizem os usos linguísticos dos alunos, promovendo reflexões críticas e contextualizadas sobre a língua.

Por fim, espera-se que este estudo contribua para o aprofundamento das discussões sobre o ensino de Língua Portuguesa e sobre o tratamento da variação linguística nos livros didáticos. Sugere-se a realização de pesquisas futuras que ampliem o corpus analisado, contemplando outras coleções e níveis de ensino, a fim de fortalecer o debate sobre práticas pedagógicas mais coerentes com a realidade linguística dos estudantes.

REFERÊNCIAS

ALKMIN, T. Sociolinguística. In: F. MUSSALIM; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: Domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001.

AZEREDO, José Carlos de. **Gramática Houaiss da Língua Portuguesa**. São Paulo: Publifolha, 2014.

BAGNO, Marcos. **Língua, linguagem e linguística: pondo os pingos nos ii**. São Paulo: Parábola Editorial, 2014.

BECHARA, Evanildo. **Moderna gramática portuguesa**. 38.ed. Revista e Ampliada. Rio de Janeiro: Nova. Fronteira, 2015.

BELTRÃO, Eliana Santos; GORDILHO, Tereza. **A conquista: Língua Portuguesa: 6º ano: ensino fundamental: anos finais**. 1. ed. São Paulo: FTD, 2022.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. **Nós cheguemos na escola, e agora?: sociolinguística & educação**. São Paulo: Parábola Editorial, 2005.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf>

COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de gramática histórica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Livraria Acadêmica, 1974.

FARIAS, Ernesto. **Dicionário escolar latino-português**. 3.ª ed. Rio de Janeiro: FENAME, 1982. 30.

ILARI, Rodolfo. BASSO, Renato. **O português da gente**: a língua que estudamos a língua que falamos. – 2. ed. 6ª reimpressão – São Paulo: Contexto, 2017.

LOPES, Célia Regina. Pronomes Pessoais. In: VIEIRA, Silvia Rodrigues; BRANDÃO, Silvia Figueiredo. (Orgs.) **Ensino de Gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2013. p.103 – 119.

MARCUSCHI, Luiz Antonio. Oralidade e ensino de língua: uma questão pouco “falada”. In: DIONÍSIO, Angela Paiva; BEZERRA, Maria Auxiliadora. (Orgs.) **Livro didático de português**: múltiplos olhares. Campina Grande: EDUEFCG, 2020. p. 25-46.

MARTELOTTA, Mário Eduardo. (Org.). **Manual de linguística**. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O desafio do conhecimento**. 11 ed. São Paulo: Hucitec, 2008.

MOLLICA, Maria Cecilia. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. IN: BRAGA, M. L. MOLLICA, M. C. (Orgs.). **Introdução à Sociolinguística**: o tratamento da variação. São Paulo: Contexto, 2015.

PAIVA, Vera Lúcia Menezes de Oliveira e. **Manual de pesquisa em estudos linguísticos**. 1 ed. São Paulo: Parábola, 2019.